



## **NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA: IMPLICAÇÕES NO COMPORTAMENTO DO ALUNO-LEITOR**

*NEW READING PRACTICES:  
IMPLICATIONS FOR THE BEHAVIOR OF THE STUDENT-READER*

*NUEVAS PRÁCTICAS DE LECTURA:  
IMPLICACIONES EN COMPORTAMIENTO DEL ESTUDIANTE-LECTOR*

*Léa Anny de Oliveira Moraes<sup>1</sup>  
Adriana Pastorello Buim Arena<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar práticas de leitura atuais em ambientes digitais e refletir sobre suas implicações no comportamento do leitor. Os sujeitos da pesquisa foram alunos de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2010. Foi desenvolvido um trabalho estruturado com base na abordagem qualitativa sócio-histórica de pesquisa, e adotada a modalidade estudo de caso do tipo etnográfico. Por meio de entrevistas semiestruturadas, foi possível recolher os dados e depois analisá-los à luz das teorias que embasam o trabalho, construídos sobre dois pilares conceituais: a concepção de homem como ser social, cultural e histórico, postulada por Vygotsky (1999) e a análise histórica e sociológica das práticas de leitura, segundo Chartier (1999). Os resultados demonstraram que a leitura digital abala os modos de ler em qualquer suporte ou meio e, por isso, pode ser entendida como uma ferramenta que promove a superação dos limites do homem na área da leitura. As práticas de leitura vêm acompanhando a evolução tecnológica, por isso, o homem precisa se adaptar verdadeiramente aos novos suportes textuais para que a leitura não perca sua função de informar e de proporcionar a assimilação de novos conhecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura em materiais impressos. Leitura digital. Modos de ler.

**ABSTRACT:** *This article aims to examine current practices in digital reading and to reflect on its implications on the reader behavior. The research subjects were students of the Faculty of Education, Federal University of Uberlandia in 2010. We developed a structured approach based on qualitative socio-historical research, and adopted the case studies of ethnographic type. Through semi-structured interviews it was possible to collect data and then analyze according to the theories that underline the work based on two conceptual pillars: the conception of man as a social, cultural and historical being postulated by Vygotsky (1999) and historical and sociological analysis of reading practices according to Chartier (1999). The results showed that digital reading changes the modes of reading in any support and therefore can be understood as a tool that promotes the overcoming of man's limitations in reading. Practices reading have been following developments in technology, so the man needs to truly adapt to new media textual reading does not lose its function which is to inform, provide the assimilation of new knowledge.*

**KEYWORDS:** *Reading printed materials. Digital reading. Ways of reading.*

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. Uberlândia – MG – Brasil – E-mail: [annylea3@hotmail.com](mailto:annylea3@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação. Professor Adjunto da Faculdade de Educação - FACED e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia – MG – Brasil – E-mail: [dricapastorello@gmail.com](mailto:dricapastorello@gmail.com)

**Recebido em:** 22/02/2012 – **Aprovado:** 02/07/2013

**RESUMEN:** *El presente artículo tiene como objetivo analizar las prácticas actuales de la lectura en entornos digitales y reflexionar sobre sus implicaciones para el comportamiento del lector. Los sujetos eran estudiantes de Educación de la Universidad Federal de Uberlândia, en el año 2010. Hemos desarrollado un enfoque estructurado basado en la investigación socio-histórica cualitativa, y adoptamos la forma de estudios de caso etnográfico. A través de entrevistas semi-estructuradas los estudiantes fueron capaces de recoger datos y analizarlos a la luz de las teorías que sustentan el trabajo, con base en dos pilares conceptuales: la concepción del hombre como ser social, cultural e histórico postulado por Vygotsky (1999) y la análisis histórica y sociológica de las prácticas de lectura, según Chartier (1999). Los resultados demostraron que la lectura digital provoca cambios en los modos de leer en cualquier soporte o medio, y, por lo tanto, se puede entender como una herramienta que promueve la superación de los límites del hombre en la zona de lectura. Las prácticas de lectura han seguido la evolución de la tecnología, por lo tanto, el hombre necesita adaptarse verdaderamente a los nuevos soportes textuales a fin de que la lectura no pierda su función de informar y de proporcionar la asimilación de nuevos conocimientos.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Lectura en materiales impresos. Lectura digital. Modos de leer.*

## 1 INTRODUÇÃO

Com o grande avanço tecnológico, várias mudanças ocorreram e afetaram fatalmente os diversos aspectos da vida em sociedade: o uso do computador e da internet, por exemplo, proporcionaram a universalização das informações. Por meio dessa ferramenta, o navegador tem acesso a um mundo virtual em alta velocidade e sem distâncias territoriais. A linguagem não permaneceria imutável perante tal fato; a leitura, por exemplo, sofreu mudanças acentuadas com seus novos costumes e práticas diante dos textos disponíveis em meio digital.

Partindo da concepção de leitura como prática cultural criada e adaptada pela sociedade, este artigo expõe dados parciais de uma pesquisa monográfica desenvolvida em um curso de graduação em Pedagogia, no ano de 2010, e tem intenção de compreender como tem sido o comportamento do leitor de textos digitais e quais as consequências desse tipo de leitura na assimilação do conteúdo textual. O curso de graduação está alocado na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). As turmas possuem em média 40 alunos e destes foram selecionados três de cada período, dos turnos diurno e noturno, para a obtenção dos dados. A metodologia de pesquisa utilizada tem sua base na abordagem qualitativa sócio-histórica, tendo sido adotada a modalidade estudo de caso do tipo etnográfico. Por meio das entrevistas semiestruturadas, os dados foram recolhidos e depois analisados à luz das teorias.

A escolha pelo método qualitativo, que possui um caráter interpretativo das ações sociais, ocorreu pelo entendimento de que em sociedade os indivíduos constroem e transmitem os significados de mundo estabelecidos por eles nas interações sociais. Cada cultura possui uma forma particular de organização social, ou seja, a interação entre os

indivíduos é particular, possui significados e ações locais específicas do grupo e interage com o tempo, com as heranças deixadas pelas gerações. Assim, as perspectivas individuais partem do coletivo, daquilo que a sociedade em que o sujeito está inserido lhe oferece. O cotidiano influencia na formação do homem e nas suas concepções; por isso, ele se torna um campo de pesquisa relevante sobre as experiências humanas.

Portanto, a interpretação contextual foi a melhor maneira para compreender a manifestação geral do tema abordado, evidenciando as ações, os comportamentos e as interações das pessoas envolvidas na problemática. Segundo André (2005, p. 31):

[...] pode-se dizer que o estudo de caso do tipo etnográfico em educação deve ser usado quando: (1) há interesse em conhecer uma instância em particular (2) pretende-se compreender profundamente essa instância particular em sua complexidade e totalidade; e (3) busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural.

A escolha pelo estudo de caso do tipo etnográfico ocorreu justamente pelo fato de a pesquisa necessitar de um caráter especulativo, interpretativo e contextual, já que utiliza a fala dos entrevistados para compreender melhor as características de leitura dos alunos. Sendo assim, o estudo permitiu uma visão ampliada e esclarecida do conjunto de significantes – os fatos, ações, e contextos produzidos – para que assim houvesse a possibilidade de interpretá-los e responder as questões-chave apresentadas.

Compreende-se então que, apesar de ser predominantemente descritivo, o estudo de caso tem um profundo alcance para analisar, refletir, interrogar e até confrontar a situação com outras já conhecidas e com as teorias existentes. A importância de estudos desse tipo é inegável, haja vista que o caráter heurístico alarga as fronteiras do conhecimento, proporciona um avanço significativo no campo de investigação. Um dos grandes benefícios do método em questão é que o estilo descritivo, com uma abordagem mais informal na coleta de dados, traz sinceridade e clareza aos fatos.

Para compreender os parâmetros de análise da pesquisa realizada, é importantíssimo compreender o homem como ser histórico, cultural e social. O quadro teórico aqui assumido entende que a formação do homem se dá em uma relação dialética entre o sujeito e a sociedade ao seu redor, e esta contínua construção deve ser permeada por estímulos favoráveis ao desenvolvimento humano.

Ler e escrever são considerados fundamentos primordiais à socialização dos indivíduos que, desde crianças, são estimulados para o desenvolvimento dessas habilidades; portanto, é possível afirmar que a leitura e a escrita são práticas culturais, resultados da apropriação da cultura. Ninguém nasce sabendo ler e escrever e somente em sociedade é possível essa aprendizagem. Vygotsky<sup>3</sup> (1999) postula que as funções psíquicas superiores (mecanismos psicológicos mais sofisticados) como memória, atenção, abstração, aquisição de instrumentos, fala, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo e, capacidade de planejamento, entre outras, só terão condições de se desenvolver mediante a aquisição de conhecimentos transmitidos historicamente, os quais, necessariamente, para serem apropriados pela criança, precisam da mediação dos indivíduos mais desenvolvidos culturalmente. Segundo Leontiev (1978, p. 262):

[...] o homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais [...] a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho [...] esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a leis sócio-históricas.

Leontiev (1978) apresenta no texto *O homem e a cultura*, uma versão sócio-histórica sobre o desenvolvimento humano. Baseado em Engels, sustenta que o homem tem uma origem animal, porém as duas principais características da vida humana são o trabalho e a vida em sociedade, sendo tais características primordiais para um salto de qualidade no desenvolvimento humano. O homem liberta-se de suas limitações biológicas para construir a condição humana e, então, a partir daí, as habilidades e os comportamentos humanos não são mais previstos pelo código genético. Por isso, o homem passa a não estar submetido às leis biológicas e sim a leis sócio-históricas. Isso define que a relação homem-sociedade interfere diretamente no desenvolvimento humano.

Diante do que se pretende apresentar, este artigo será dividido em duas partes. A primeira busca apresentar de forma geral e sucinta uma breve análise histórica sobre os comportamentos do leitor nas diferentes épocas, evidenciando que há uma modificação na prática de leitura por causa das mudanças sociais e do suporte textual, reafirmando que a leitura é uma apropriação cultural, assim como todas as outras habilidades e comportamentos humanos, pois estes são construídos socialmente. Na segunda parte, encontram-se os dados

<sup>3</sup> A escrita do nome **Vygotsky** aparece grafada de diversas formas, em diferentes traduções; portanto, neste trabalho será utilizada a grafia de acordo com a bibliografia referenciada.

recolhidos na pesquisa original, por meio das entrevistas realizadas com os alunos do curso de Pedagogia, que foram gravadas e posteriormente transcritas, separadas em categorias e analisadas com base nas teorias apresentadas. Para evidenciar as categorias, elas foram colocadas em tabelas que contêm as principais falas dos alunos, que, em seguida, desdobram-se nas reflexões e análises das informações obtidas. Após os dois itens apresentados, seguem as considerações finais do artigo, que trazem uma síntese de tudo o que foi desenvolvido e apresentado, verificando se os resultados atenderam aos questionamentos colocados à prova.

## **2 A LEITURA COMO PRÁTICA CULTURAL**

As convenções e hábitos de leitura mudam de acordo com o tempo e a cultura, e até mesmo a razão de ler é modificada. Da pintura antiga até o fim da Idade Média, o livro era representado como algo onipresente, ligado ao sagrado, à divindade. Muitas vezes aparecia em tamanhos gigantescos, sem relação com o tamanho real do objeto (livro). Desde os séculos VI até o século XIX, a prática de leitura era regida de acordo com a moral e os costumes da época. Nas bibliotecas universitárias era obrigatória a leitura em silêncio, ou seja, somente com os olhos, e o comportamento devia ser discreto.

Até o século XVIII o espaço de leitura era reservado, pois não deveria se misturar com ambientes de divertimento, conversas, brincadeiras. Os leitores mantinham a postura de ficar sempre sentados, sem movimentações bruscas, concentrados, em ambiente fechado e privado. Chartier (1999, p. 79) explica que “[...] é sobretudo a partir do momento em que a leitura é representada pela fotografia e pelo cinema que se vê esta liberdade expandir-se e desenvolver-se. Na maioria das representações picturais, o leitor, durante muito tempo, permaneceu sentado”.

As pinturas mostram que somente a partir do século XVIII o leitor passa a ter mais liberdade no ato da leitura, tendo comportamentos mais variados e, menos controlados. É possível que existissem outras práticas de leitura naquele século e nos anteriores a ele, porém, tais práticas não eram consideradas legitimamente representáveis, afinal, nem tudo que acontecia, de fato, era lícito de se mostrar, de se deixar eternizado pelas figuras. De acordo com Chartier (1999, p. 82):

[...] seria temerário concluir demasiado rápido sobre a realidade dos comportamentos a partir de representações codificadas que dependem tanto das

convenções ou dos interesses envolvidos no ato de mostrar – pela pintura, pela gravura – quanto da existência ou ausência dos gestos que são mostrados.

As imagens que representam a época não podem ser desprezadas pelo fato de nem sempre mostrar toda a realidade, as práticas reais; ao contrário, essa atitude demonstra os valores da época, o que era considerado válido como prática de leitura. Somente com a distribuição mais ampla do jornal se iniciam as representações de leitores em práticas espontâneas e livres. O jornal veio como forma de circular as notícias, trazer conhecimento ao público e também deu oportunidade ao leitor de ser redator de suas ideias por meio das “cartas dos leitores”.

Segundo Chartier (1996, p. 236), “um livro de 1530 não se apresenta como um livro de 1880 e há evoluções globais que atingem toda a produção impressa em suas regras e seus deslocamentos”. O livro, como produção cultural, passa pelas transformações de sua época, trazendo em si a intenção do texto e também o interesse do leitor. Principalmente quando se trata de uma distribuição em massa, há uma modificação na finalidade da veiculação do conteúdo e na organização textual, seja nos capítulos, seja nos parágrafos, para que facilite a leitura. Os primeiros textos que surgiram, há quase 4 mil anos, eram utilizados como forma de registro dos fatos da época, escritos em folhas de palmeiras egípcias. Com o passar do tempo, começou-se a utilizar o papiro, que nada mais é que o talo dessas mesmas folhas trituradas, entrelaçadas e secas.

Os livros antigos eram principalmente lidos em voz alta, haja vista que os escritores supunham que as pessoas iriam somente escutar em vez de ver o texto; por isso as palavras não precisavam ser escritas separadamente: bastava o emissor entrelaçá-las em frases contínuas. Não havia distinção entre letras maiúsculas e minúsculas e não havia pontuação; quem estava pronunciando o texto é que compunha a sua estruturação. Com a evolução das práticas de leitura, os textos precisaram ser mais esquematizados para melhor entendimento do leitor. Portanto, no século IX, com o aumento de leituras silenciosas e individuais, os textos começaram a ser escritos com as palavras separadas. No século X, as primeiras linhas das seções principais eram escritas em vermelho, marcando o início da separação do texto em parágrafos. O fato é que, desde o momento em que o livro passou a ser lido individualmente, o editor do texto precisou se preocupar com o leitor, que passava a estar desconectado de quem o fez. Um texto escrito passava a ser lido por diversas pessoas que o autor nem sequer

conhecia e por isso a estruturação do texto precisava ser prática e de fácil entendimento para quem lia. É muito complicado o leitor entender a mensagem que o texto deseja transmitir se as letras, palavras ou frases estiverem jogadas aleatoriamente na folha, ou mesmo se estiverem todas grudadas.

Devido a todos esses fatos é que o livro impresso atual tem uma estrutura padronizada – e tal padronização iniciou com o surgimento da imprensa. Os editores passaram a exigir um texto formatado para a impressão, mas a maioria dos escritores relutou muito contra essa imposição. A verdade é que desde que Johann Gutenberg criou a imprensa, por volta de 1450, a arte de imprimir livros e os distribuir causou muita discussão.

A grande polêmica se referia à crença de que se o livro não fosse escrito pelo monge escriba poderia abalar a fé cristã, diminuir a autoridade da Igreja. Os conflitos estavam ligados, em grande parte, com a religião, que ditava as regras sociais da época. A difusão do saber e do conhecimento desesperava os detentores do poder que, até aquele momento, conseguiam limitar o acesso aos textos. Na mesma época, na Inglaterra, os professores ficaram desconsolados com a notícia de que os livros impressos logo seriam distribuídos em grande escala. A angústia deles se dava pelo pensamento de que logo não teriam mais função, pois se todos pudessem ter acesso aos livros, poderiam também aprender tudo sozinhos. Segundo Chartier (1999, p. 91):

[...] cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade.

A leitura é uma atividade presente e necessária em qualquer sociedade, mas as mudanças na prática de ler ocorrem de acordo com a comunidade, a cultura e o período, pois os princípios e as concepções mudam. As ações e os hábitos do homem refletem a identidade da sociedade. O tópico subsequente pretende explicitar como ocorrem as práticas de leitura do homem atual na sociedade moderna.

### *1.1 A leitura na era digital*

Toda a efervescência do livro impresso até os dias de hoje, com o livro digital, traz à tona problemas originados da circulação do texto, como a insegurança dos professores ingleses com a invenção da imprensa, insegurança esta que já demonstrava a divisão clara

entre os detentores do conhecimento (consequentemente do poder) e os meros aprendizes, que tinham contato somente com aquilo que lhe era concedido.

Com a internet, abriu-se uma nova forma de comunicação, de interação com os diversos textos produzidos no mundo. Esse meio pode ser considerado uma forma de difusão do conhecimento em massa. Todos os navegadores são leitores e podem ser escritores de textos digitais. Segundo Belmiro (2003, p. 17):

[...] a entrada e a navegação na rede, já que, de alguma forma, todos podem alimentá-la sem qualquer intermédio ou censura, constitui mais um paradoxo da cibercultura: o acesso fácil, por um lado e a impossibilidade de se determinar, muitas vezes, a credibilidade da fonte alimentadora dos dados.

A leitura digital é cada vez mais aceita como uma prática extremamente útil, haja vista que sua natureza imaterial permite que seja realizada em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente. É um contato com o mundo virtual rápido, prático e liberal que abarca cada vez mais navegadores. O computador, atualmente, representa mais que uma simples máquina com ferramentas úteis ao homem: é a representação do universal, a soma de todas as memórias interconectadas e a possibilidade infinita de acessos. Na verdade, a inserção no mundo virtual, mais que uma necessidade do homem, tornou-se uma imposição da sociedade, que utiliza a tecnologia para agilizar diversos processos sociais, inclusive o processo de trabalho. O homem age em um ritmo cada vez mais veloz, assim como as máquinas.

O leitor de textos digitais mudou sua prática de leitura, que já não está ligada à materialidade do livro, nem com o manuseio das folhas, sendo uma prática que exige um leitor muito mais ativo, já que antes mesmo de interpretar o sentido do texto, para ler na tela, é preciso enviar comandos ao computador e para isso é preciso conhecer as ferramentas da máquina. Ocorreu, então, a quebra do elo físico que existia entre objeto impresso e escrita, que ele veicula. O leitor passa a dominar a aparência e a disposição do texto que aparece na tela do computador. São novos hábitos, novas ações e novas expectativas que estão sendo criadas em torno do texto e da leitura.

### **3 O QUE PENSAM OS ALUNOS SOBRE A LEITURA IMPRESSA E A LEITURA DIGITAL**

Com os avanços tecnológicos a linguagem também passa por mudanças significativas na sua representação. Diante da cultura digital o texto ganha novos significados, novos valores e nova estruturação, e a partir daí os leitores têm a oportunidade de contatar as formas textuais atuais e se apropriam destas de acordo com sua necessidade. A respeito dos novos tipos e gêneros textuais, Coscarelli (2003, p. 65) apresenta que:

Além dos textos que temos em circulação em nossa sociedade letrada, outros aparecem e merecem ser pesquisados com profundidade. Entre eles, podemos citar o Chat, o hipertexto, a multimídia, a hipermídia, os banners publicitários, a literatura digital em toda a sua diversidade, e, provavelmente, alguns outros que ainda não somos capazes de mencionar.

Diante desses novos textos, fica mais complexo o trabalho de categorizar os gêneros textuais, pela maneira diferenciada com que são construídos. É preciso ter cuidado com o sentido tradicional da palavra texto, já que este atualmente em formato digital, possui movimento, imagem e música em sua composição. O quadro a seguir apresenta as falas registradas dos alunos, com suas definições pessoais do que é um texto digital.

**QUADRO 1** – Definição de texto digital descrita pelos alunos entrevistados

<b>DEFINIÇÃO DE TEXTO DIGITAL</b>
<i>Penso que seja um tipo de texto que lemos através da imagem digital, como exemplo o computador.(V) Existem diversos arquivos na internet, muitos em pdf, a exemplo os artigos, acredito que estes tipos de textos são digitais. (G)</i>
<i>Um texto digitalizado, ou seja, para se ler no computador. (AD)</i>
<i>Eu entendo que texto digital é todo escrito em meios eletrônicos. (L)</i>
<i>Pra mim é um texto que temos acesso por meio do computador. (S)</i>
<i>É o texto digitalizado, ou seja, que está disponível em mídia, que pode estar na rede, que é a internet. (LN)</i>
<i>É o texto lido no computador, um texto que veio de uma fonte da internet, quando você me pergunta o que é texto digital eu entendo um texto que é lido em tela, a palavra digital remete ao texto do computador. (A)</i>
<i>O texto digital é aquele que você lê no computador. (C)</i>

Fonte: A autora

De acordo com as repostas apresentadas pelos alunos, é possível notar que eles conhecem essa nova configuração textual, já que todos fizeram a relação do texto digital com a tecnologia, com o computador e com os meios eletrônicos. Além disso, eles também disseram que usam frequentemente tais textos, porque são muito utilizados por seus professores. Sendo assim, mesmo não tendo um conhecimento profundo sobre textos digitais,

tais alunos já tiveram o contato com a leitura que inclui os recursos verbais, que são os signos linguísticos e também os recursos não verbais que são as imagens, as marcas, a barra de rolagem, os sons, os gráficos, as animações, os ícones entre outros recursos. Desse modo, esses alunos podem ser considerados como leitores de um novo modelo de texto, que utiliza infinitas formas de expressar sua mensagem, de se comunicar, de interagir em um mundo imaterial.

Partindo desse pressuposto, o Quadro 2, subsequente, traz os dados que averigam a preferência dos alunos em relação à leitura do texto impresso e a do texto digital, contendo também a justificativa da escolha.

**QUADRO 2 – Preferência dos alunos em relação à leitura impressa e à leitura digital**

<b>PREFERÊNCIA DOS ALUNOS POR LEITURA DIGITAL OU IMPRESSA</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Texto impresso</b>	<b>Texto digital</b>
<b>Possibilidades de anotações/ Marcações no texto</b>	<i>Prefiro o material impresso justamente pelo fato de poder riscar, fazer anotações. (I)</i> <i>Eu prefiro impresso, porque eu gosto de rabiscar, de fazer anotações, apesar de ter a consciência que não é bom para a natureza, que vão destruir as árvores para fazer papel, mas eu prefiro porque eu me organizo melhor no papel. (LN)</i>	—
<b>Cansaço nos olhos</b>	—	<i>Minhas vistas cansam mais rápido lendo na tela do computador. (L)</i> <i>O computador cansa rapidinho o corpo e os olhos, e dá muito sono. (F)</i> <i>Meus olhos ficam lacrimejando quando fico muito tempo lendo no computador, por isso eu não gosto. (O)</i>
<b>Atenção à leitura</b>	<i>O texto impresso é bem melhor porque não tem nada para tirar a atenção da leitura. (C)</i> <i>A leitura no papel é bem mais tranquila. Para mim, basta ficar num lugar silencioso que nada tira minha atenção. (L)</i>	<i>Para ler na tela do computador o texto tem que conseguir prender minha atenção, caso contrário prefiro ler em material impresso, porque a tela do computador me deixa com sono. (S)</i> <i>Lendo no computador eu perco a atenção por ter outras coisas para mexer. (B)</i>
<b>Facilidade de acesso</b>	<i>O texto impresso eu posso levar para onde eu quiser. (AD)</i> <i>O papel eu amasso, rasgo, levo na bolsa para onde eu quiser. (O)</i>	<i>Particularmente prefiro ler no computador, apesar de cansar as vistas, pois acho mais prático até para localizar algo (Ctrl + l) mais rápido, e pela facilidade de acessos aos textos. (M)</i> <i>Quando a gente lê no computador o que facilita é que tem mais locais para pesquisar, complementar a leitura, no papel você fica preso, você pega no máximo um dicionário. (L)</i>

Fonte: A autora

É perceptível, na sociedade atual, a mudança que a tecnologia tem trazido ao cotidiano e uma nova forma de ler, pelo meio digital, imposta pelo meio eletrônico. Os sujeitos da pesquisa, nos últimos anos, têm aumentado substancialmente a leitura de textos digitais por meio de *data-show* – usado nas aulas e em todo movimento de estudos, pesquisas, construção de textos, práticas de grupos – e pelo computador.

À primeira vista, o uso desse tipo de texto se torna tão necessário e útil que é difícil não fazer parte do grupo de leitores que usam as novas ferramentas com propriedade e sem qualquer dificuldade aparente. O uso do computador se torna vantajoso pelas possibilidades de acrescentar novos conhecimentos ao homem, além de acarretar economia, já que existem espaços de acesso fácil e gratuito, como universidades, e também em relação à compra de material impresso para leitura, pois é possível ler somente na tela.

Porém, surpreendentemente, quase 100% dos alunos entrevistados nesta pesquisa declararam sua preferência pela leitura de texto impresso; somente uma aluna disse preferir a leitura no computador. Os dados mostram que os alunos não se apropriaram totalmente da leitura digital; eles afirmaram que atualmente a maior parte de livros, apostilas e artigos está disponível no formato digital e que isso facilitou o acesso a tais materiais. Entretanto, não afirmam que a leitura digital é a preferida por eles.

Chartier (1999) explica que o mundo contemporâneo está em tensão justamente pela divulgação acelerada que a tecnologia possibilitou ao conhecimento, tornando-o “universal”, ou seja, sem distâncias territoriais ou materiais. Ao mesmo tempo, porém é um momento de crise pela imaterialidade do texto e pela confusão entre o particular e o coletivo. O contato físico com o texto é uma questão cultural, já que historicamente a leitura tem sido feita em livros impressos; por isso o texto digital traz um desconforto por não poder manuseá-lo. O conflito entre o particular e o coletivo fica evidente na possibilidade de alterações e distribuição que podem ocorrer com os textos digitais; um texto postado na internet facilmente é copiado e modificado por qualquer navegador, mesmo que este não seja autor do texto. Tudo o que está no mundo virtual foi criado por alguém, portanto é pessoal, individual, mas ao mesmo tempo se torna coletivo nesse espaço de compartilhamento. Todas as mudanças tecnológicas que alteram, inclusive, os formatos dos textos, acarretam alterações comportamentais nas pessoas, tendo elas que se adaptar às novas atitudes e técnicas de leitura, como afirma Chartier (1999, p. 93):

No início da era cristã, os leitores dos códex tiveram que se desligar da tradição do livro em rolo. Isso não fora fácil, sem dúvida. A transição foi igualmente difícil, em toda uma parte da Europa do século XVIII, quando foi necessário adaptar-se a uma circulação muito mais efervescente e efêmera do impresso. Esses leitores defrontavam-se com um objeto novo, que lhes permitia novos pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita ou de leitura inéditas.

Assim como em todas as revoluções anteriores da cultura impressa, esta nova cultura eletrônica, digital, oportuniza técnicas de leitura diferenciadas das já vividas, e o avanço demora a ser aceito e inserido como parte da cultura presente. Os alunos entrevistados fazem parte desses sujeitos em adaptação, pois antes o uso de computadores era menor, já que não era tão acessível quanto tem sido nesta década. Os professores desses alunos já optam por livros que estão disponíveis em formato digital para que todos possam ler gratuitamente, além de usarem *data-show* em sala de aula para projetar o texto e, a partir daí, explicarem. Por outro lado, dificilmente o aluno consegue ter em mãos todos os textos impressos, mesmo tendo preferência por eles.

É possível perceber, pela fala dos alunos, que eles ainda estão muito presos à materialidade do texto, na possibilidade de poder manuseá-lo, fazer anotações, levá-lo para onde quiser, ficar horas “agarrados” com o livro que, ainda nos dias de hoje, representa um bem de valor cultural relevante para as pessoas. Ler um livro, um texto, mesmo que emprestado de uma biblioteca, significa adquirir conhecimento, seja do senso comum, seja científico, ambos importantes para a constituição do homem.

Outro fator citado pelos entrevistados é a facilidade maior de concentração que eles alegam ter por meio da leitura impressa, pelo fato de no papel não haver tantas opções de ferramentas quantas no meio digital. O auxílio do computador é visto com bons olhos, principalmente no que se refere ao fácil acesso a diversos textos que podem ser encontrados na internet, inclusive para localizar livros em outras línguas, fato este muito importante para as pesquisas e os estudos. Por outro lado, torna-se difícil focar somente no conteúdo do texto quando há uma variedade de acessórios virtuais que podem ser ativados a qualquer momento do período da leitura.

A pesquisa constatou que, para os alunos, o maior problema encontrado no exercício de leitura digital é o cansaço visual diante da tela; este problema é causado pelo fato de o leitor ter que focar e desfocar a visão diversas vezes durante a leitura diretamente em uma tela que projeta luz, gerando, assim, uma tensão nos músculos dos olhos. Para atingir o foco e

acompanhar os movimentos da tela, o usuário acaba forçando a visão para manter as imagens bem definidas; além disso, há uma diminuição na quantidade de piscadas normais, que ocorrem durante o dia para a lubrificação dos olhos pelas lágrimas, por isso os olhos ficam mais ressecados, podendo coçar, causando cansaço e vermelhidão.

Após destacar as diferenças encontradas nos tipos de leitura, pode-se agora averiguar as vantagens e desvantagens encontradas pelos alunos em relação à leitura digital e à impressa, no Quadro 3, a seguir.

**QUADRO 3** – Vantagens e desvantagens mencionadas pelos alunos entrevistados em relação à leitura de textos impressos e de textos digitais

<b>LEITURA DO TEXTO IMPRESSO E LEITURA DO TEXTO DIGITAL</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Texto Impresso</b>	<b>Texto Digital</b>
<b>Vantagens</b>	<p><i>Posso fazer anotações, tenho mais concentração, pode ser feita em diversos locais, tais como o ônibus, onde leio muito. (G)</i></p> <p><i>Eu consigo organizar melhor meu raciocínio, posso ler em mais lugares, como no ônibus, em locais que não tem energia elétrica e posso manusear com facilidade, um exemplo, se eu quiser mostrar alguma coisa para alguém, eu posso pegar o papel e levar até ela sem dificuldade, já com o texto digital teria mais dificuldade (...) tem que ligar o computador, pegar a mídia, pode ser que ela não funcione no momento, pode dar erro no sistema, aí já não tem como, no papel é mais fácil, mais garantido. (LN)</i></p>	<p><i>No computador eu leio mais rápido, porque eu vou descendo assim... (fez gesto com a mão) e leio bem mais rápido. (LN)</i></p> <p><i>Não é necessária a impressão do texto. (F)</i></p> <p><i>Textos curtos eu não preciso imprimir, porque dá para ler só no computador que já entendo o conteúdo e guardo na memória. (L)</i></p> <p><i>No caso de letra pequena, no computador eu já posso aumentar a letra, isso facilita. (AD)</i></p> <p><i>O material permanece sem danos. (G)</i></p> <p><i>Pode aumentar a fonte. (S)</i></p>
<b>Desvantagens</b>	<p><i>Acho que a única coisa que dificulta minha leitura é quando a letra muito pequena, daí tenho que me esforçar para ler e isso cansa. (AD)</i></p> <p><i>Papel com falhas na impressão, leitura que não é interessante ao leitor, letra em tamanho muito pequeno. (S)</i></p> <p><i>Hum... Às vezes a qualidade da impressão é ruim e dificulta a visualização e a concentração (...). Dependendo do tipo de letra, da fonte eu tenho dificuldade em ler. (LN)</i></p>	<p><i>O aspecto visual, porque vai cansando a cabeça... Não poder estar marcando, registrando o texto... Eu não gosto de ler no computador! Me dá sono... É ruim demais, vai me dando um mal estar, uma sonolência, então, não dá. (A)</i></p> <p><i>Não é todo momento que eu tenho disponível o computador para ler, nem é em todo lugar. (LN)</i></p> <p><i>Falta de concentração, as vistas cansam, eu começo a ficar inquieta, vou ficando louca para sair do computador e descansar (...) parece que ele (computador) suga a minha energia. (L)</i></p>

Fonte: A autora

Como já foi destacado anteriormente, e fica reafirmado no Quadro 3, a maior parte dos alunos tem preferência pela leitura do texto impresso devido às vantagens encontradas

por eles, sendo a principal delas a possibilidade de anotar, deixar suas marcas pessoais no texto.

É possível dizer que a leitura e o entendimento do que foi lido é uma situação singular, ou seja, cada sujeito cria seus significados para a mensagem do texto; é uma junção das experiências que a pessoa tem com a nova descoberta inclusa na mensagem do texto e isso dá margem a diversas produções de significados. Segundo Chartier (1999, p. 77):

[...] a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores.

Isso significa dizer que o autor traz o sentido de seu texto ao leitor, mas é este último quem livremente compreende e dá sentido ao que lê. A necessidade de fazer anotações, marcações e grifos, citados pelos entrevistados, reafirma essa coautoria do leitor em relação ao texto, pois quando o leitor sente essa necessidade de marcar o texto e até mesmo acrescentar suas ideias diante do que foi lido não significa simplesmente que ele entendeu exatamente o que o autor escreveu, mas demonstra sua capacidade de construir a sua história, a sua compreensão por meio das ideias deixadas pelo autor. Para Chartier (1999, p. 88), “eles deixaram, no próprio livro, os vestígios de suas maneiras de ler e de compreender a obra”. O tempo histórico e as mudanças culturais consolidam as novas formas de como o leitor se comporta diante do texto:

[...] os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler (CHATIER, 1999, p. 77).

Diante dos novos formatos em que o texto é disponibilizado, a leitura vai se modificando, e com o texto digital as pessoas podem utilizar diversas ferramentas para auxílio da leitura; porém esta pesquisa indica que a tecnologia foi aceita como facilitadora, mas não se tornou uma forma tão agradável quanto útil, afinal muitos alunos demonstraram resistência à leitura digital, inclusive afirmaram que essa leitura é apenas complementar a leitura no papel.

As desvantagens da leitura no papel citadas pelos entrevistados estão relacionadas com letras ilegíveis e má impressão, encontradas principalmente em livros velhos, em textos

xerocados e em manuscritos. A aluna (L) disse que se sente amedrontada ao pensar que o texto impresso pode ser totalmente substituído pelos digitais: “[...] será um tempo de falta da materialidade do texto para escrever, amassar, rasgar”. Chatier (1999) comenta sobre o lamento de alguns pelo surgimento do livro eletrônico e o provável fim do livro tradicional. Entretanto, para ele, o historiador não deve fazer um discurso nostálgico e irreal, mas sim científico, respeitando os formatos e os processos em que o texto se torna um livro. O ideal é que a definição de livro seja buscada ou formulada sem ligação direta com os formatos.

A leitura contemporânea tem sido feita em ambientes altamente interativos. Por meio do espaço cibernético, existe a oportunidade de se conectar a um mundo antes muito restrito, hierarquizado, em que poucos tinham acesso ao conhecimento, contido principalmente em livros. Para Lévy (2000, p. 13), o ciberespaço é:

[...] um novo espaço de interação humana que já tem uma importância profunda principalmente no plano econômico e científico, e, certamente, esta importância vai ampliar-se e vai estender a vários outros campos, como por exemplo na Pedagogia, na Estética, na Arte e na Política. O ciberespaço é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Atualmente, temos cada vez mais conservados, sob forma numérica e registros na memória do computador, textos, imagens e música produzidos por computador. [...] Com o espaço cibernético, temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.

O ciberespaço é um mundo invisível em que informações podem ser facilmente encontradas; é um espaço de comunicação, armazenamento e troca de dados por todos os navegadores digitais.

Os alunos da pesquisa concordam que existem vantagens na leitura digital. A entrevistada LN afirmou que além das ferramentas que podem ser utilizadas no próprio texto há uma abertura para novas pesquisas no ciberespaço a partir das dúvidas que surgem durante a leitura e essas pesquisas estão muito mais completas e complexas do que as que eram possíveis antes, em enciclopédias e dicionários impressos.

A maior parte das leituras feitas pelos alunos desta pesquisa ocorre no computador, seja em casa, no local de trabalho ou na própria universidade onde estudam. Diante das respostas recolhidas, é possível perceber uma grande convergência de comportamento dos leitores e de suas opiniões em relação às desvantagens da leitura na tela. A grande maioria dos entrevistados enfatizou que a leitura no computador causa certo cansaço físico,

principalmente da visão, ocasionando sonolência, dor de cabeça, mal-estar, inquietação e o problema disso, segundo eles, está na luminosidade da tela.

Não é possível ignorar que a tecnologia vem submetendo o homem a uma intensa cobrança de inserção e envolvimento com o ambiente digital. Para conseguir qualquer emprego atualmente é necessário ter conhecimento básico em informática, mesmo que a atividade a ser desenvolvida não tenha contato direto com o computador. O objetivo da globalização é que toda a população se envolva na cultura digital, e isso faz com que o ser humano, cada vez mais, fique submetido a longos períodos diante do computador, expondo-se assim às radiações do aparelho em momentos solitários que necessitam de concentração e fixação na tela.

Atualmente já se fala na CVS – *Computer Vision Syndrome*, que traduzida para o português refere-se à “síndrome da visão do computador”, sendo diagnosticada em casos mais graves, atingindo principalmente profissionais e estudantes que passam o dia todo em frente ao computador e acabam tendo os sintomas mais agudos. De acordo com Pombeiro et al. (2009, p. 2), “é sabido que a visão não foi criada para encarar uma tela de computador durante muitas horas. Para atingir o foco, o usuário tem de forçar a visão para manter as imagens bem definidas”.

A imagem no monitor do computador é feita por pequenos quadradinhos denominados *pixels*. Os nossos olhos não conseguem manter o foco neles, por isso, eles têm de focar e refocar continuamente. Depois de longo tempo de leitura, isso vai causando um estresse nos músculos oculares, resultando em sintomas como cansaço, olhos secos ou lacrimejando, vermelhidão nos olhos, entre outros já citados. Para a diminuição dos prejuízos visuais é preciso ter cuidados para com o uso do computador. Segundo Pombeiro (2009, p.2) torna-se necessário:

[...] verificar as condições do ambiente de trabalho [...] A má iluminação do ambiente de trabalho, posição inadequada do monitor, cadeira posicionada ou imprópria, tela do monitor suja, ausência de intervalos durante o trabalho, bem como a não utilização de dispositivos de correção óptica, quando necessária, contribuem constantemente para o surgimento de problemas relacionados ao uso contínuo do computador.

O uso adequado do computador pode auxiliar para que a leitura seja menos cansativa, tornando-se proveitosa, já que atualmente há a necessidade de passar mais tempo diante da tela lendo, pesquisando e digitando. Diante das pesquisas atuais, é possível dizer que os

entrevistados têm razão ao afirmar que sentem um desconforto diante da leitura no computador; alguns dos alunos nem sabem dizer qual o motivo do mal-estar, mas alegam fazer uma leitura mais proveitosa diante do texto impresso.

Em relação à diferença de assimilação do conteúdo entre a leitura digital e a leitura impressa pouco foi citado; os alunos sabem que são tipos de leitura diferentes e que cada uma tem suas vantagens e desvantagens. Muitos afirmaram que a leitura no papel é mais fácil para a compreensão, mas também afirmaram que leem mais vezes no papel do que no computador, que causa cansaço. Talvez esse seja o maior motivo pelo qual a leitura no papel é mais compreensível.

A aluna (C) teve uma fala bastante interessante: disse que acredita que a leitura no computador não altera a assimilação do conteúdo, porém o incômodo de estar diante da tela faz com que o leitor não tenha vontade e capacidade de ficar horas lendo, como é comum fazer com um livro impresso. A aluna também disse que a diferença na compreensão da leitura está na quantidade de vezes em que o aluno relê o texto, pois cada nova leitura traz novos olhares, novas descobertas. Segundo Lévy (2000, p. 14):

O importante é que a informação esteja sob forma de rede e não tanto a mensagem porque esta já existia numa enciclopédia ou dicionário. Portanto, a verdadeira mutação se passa noutros aspectos. Em primeiro lugar, não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e se desdobrar diferentemente diante do leitor.

Entende-se que a partir do suporte de texto que o leitor utiliza, o comportamento é modificado, pois o texto é que se move. Assim, é possível afirmar que a leitura impressa é diferente da leitura de um texto no ambiente digital, que tem suas características próprias. No texto digital há movimento, tamanhos diferenciados, janelas que podem se sobrepor ao texto, comandos ativados pelo teclado e *mouse*, com funções de copiar, colar, recortar, avançar, voltar, além da localização de informações de maneira rápida (CControl + L). Todas essas ferramentas modificam a maneira com que o texto se apresenta para o leitor e até mesmo a velocidade da leitura é modificada em relação ao impresso.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos e os dados da pesquisa realizada no ano de 2010 com alunos do curso de Pedagogia reafirmam o entendimento de que as ações do ser humano são transformadas pela

sociedade, ou seja, a cultura determina como o homem vive, expressa-se, comporta-se, comunica-se e, sendo assim, a linguagem segue as constantes mudanças sociais. A tecnologia integra esse movimento social constante e é uma expressão do que o homem conseguiu desenvolver. Cada vez mais o homem mostra a sua capacidade de utilizar os recursos que estão disponíveis no mundo em seu benefício. Diante da tela, o navegador participa de um compartilhamento imenso de conhecimento construído pela humanidade, e o interessante é que simultaneamente ele pode doar e receber saberes.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia contribui para a vida em sociedade, ela também obriga o homem a se inserir no mundo digital, que exige uma produção intelectual muito rápida, e assim o homem tem sido igualado a uma máquina que deve reproduzir continuamente. As escolas têm incorporado a tecnologia como auxílio na aprendizagem; os professores enviam textos eletrônicos em grande quantidade, usam *data-show*, comunicam-se por *e-mail*, exigem de seus alunos trabalhos digitados e incentivam o uso da internet para estudos e pesquisas.

É possível perceber a importância social do uso do computador, tanto do ponto de vista tecnológico, quanto do da linguagem e da comunicação, mas ao mesmo tempo esta pesquisa constatou que seu uso gera alguns conflitos, principalmente para aqueles que não sabem usar todas as ferramentas de que o equipamento dispõe. Durante as entrevistas, vários alunos alegaram sentir falta de marcar o texto digital, porém, em geral, os suportes de textos dispõem de ferramentas para realçar, riscar e sublinhar, além de adicionar comentários e notas.

Esse fato demonstra que a maioria dos alunos tem apenas o conhecimento básico e isto acaba desfavorecendo a leitura, pois o texto digital é projetado e se movimenta na tela mediante os comandos do leitor. Outro motivo encontrado para a falta de qualidade na leitura diante da tela é o desconforto citado pelos leitores por causa da claridade da luz emitida, que acaba cansando os olhos e desmotivando o leitor, que se sente cansado e indisposto.

Por meio da análise dos dados foi possível perceber que o comportamento do leitor em relação ao texto digital foi modificado bruscamente e isso causa ainda dificuldades na leitura, que acaba não sendo tão proveitosa quanto no papel com o qual o leitor está totalmente adaptado.

A leitura digital exige um leitor muito dinâmico, que saiba selecionar os textos que chegam até ele, que tenha conhecimento sobre a linguagem utilizada no texto eletrônico e sobre os aparatos tecnológicos. É por isto que os alunos sentem mais dificuldades na leitura do texto digital: por causa da grande quantidade de informações com as quais entra em contato quando estão diante da tela. Fica difícil se concentrar no conteúdo quando há inúmeros comandos disponíveis, além de todos os signos não verbais, tais como, áudio, vídeo, imagem e animações dispostos no texto.

Fica claro que o ato de ler na tela exige novas técnicas de leitura e causa certa tensão no leitor que está acostumado com o impresso. O contato físico com o texto é uma questão cultural e ainda está fortemente arraigada nos leitores. As práticas de leitura vêm acompanhando a evolução tecnológica, mas diante disso o homem precisa se adaptar verdadeiramente aos novos suportes textuais para que a leitura não perca sua função, que é a de informar, proporcionar a assimilação de novos conhecimentos. Entretanto, a mudança não é instantânea, mas sim um processo que leva tempo, o tempo histórico-cultural em que o indivíduo está inserido.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaz. **Estudo de caso em pedagogia e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- BELMIRO, Ângela. Fala, escritura e navegação: caminhos da cognição. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 15-23.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 23-35.
- LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LÉVY, Pierre. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 12-20.

POMBEIRO, Orlei José et al. **Saúde X computador**: duelo que prejudica o homem. Disponível em: < <http://www.vivavidamt.com.br/textos/Sa%FAdecomputadorhomem.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**Como citar este texto:**

MORAES, Léa Anny de Oliveira; ARENA, Adriana Pastorello Buim. Novas práticas de leitura: implicações no comportamento do aluno-leitor. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 2, p.230-249, maio/ago. 2013. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2994>>. Acesso em: 29 Aug. 2013.